

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Lívio da Torre (M. G.)

Class.: Terra / Demarcação

Data: 9 de Março de 1985

Pg.: 118

Opinião

Os índios, seus direitos e costumes

A preservação e demarcação das terras indígenas é dever inadiável e medida indiscutível de justiça.

A Fundação Nacional do Índio precisa deixar de ser um órgão decorativo e cabide de empregos para se tornar algo de útil à classe que se diz representar e defender.

É defender, porque o que temos feito, até agora, é postergar soluções sob as mais descabidas alegações. Essas áreas, dia-a-dia, ficam mais restritas com a invasão crescente de posseiros inescrupulosos e ávidos de enriquecimento ilícito.

É o que não faz pasmar é a complacência e a omissão, pouco elogiáveis dos governos, diante de acontecimentos desse jaez. Deixam-se embair, facilmente, por afirmações imprecisas de chefetes políticos que asseguram a legitimidade dos invasores, em detrimento dos índios, em toca de favores eleitorais.

Enquanto isso, os índios, desavisados, indefesos, pobres, mansos por natureza, vão sendo espoliados de suas terras e empurrados para regiões sáfaras, onde a sobrevivência deles é impossível.

É essa política vem de longe, dos primeiros dias da colonização. Mas, "colonizar é levar hábitos e técnicas de trabalhos às terras desaproveitadas" e não assaltos à mão armada, às propriedades ou posses milenares dos que nelas vivem e trabalham. Os 7 aviões levando invasores à Reserva de Solimões, esta semana, é mas um atentado contra os índios.

É justiça, porque antes de nós, os grandes grupos dos tupis e tapuias, que se subdividiram em numerosas tribos, já eram os senhores de todo o território brasileiro.

Entregar-lhes, portanto, o pouco que lhes resta, de todo que era deles, é elementar norma de direito.

A preservação das áreas indígenas, completadas por demarcações, permitirá que hábitos e concepções de nossos índios, ainda não contaminados pela "civilização", permaneçam incólumes, possibilitando estudos sobre o povoamento inicial do continente.

Há muita coisa entre os indígenas que, segundo os estudiosos, remontam a costumes de povos asiáticos e de outras regiões do globo.

A título de curiosidade, lembramos alguns detalhes do comportamento silvícola da Reserva do Alto Xingu, baseando-nos em depoimentos dos irmãos Villas-Boas.

Vivem em famílias numerosas, envolvendo todos os ancestrais e descendentes do casal. A maloca ou casa, onde se alojam essas

famílias, medem, em média, 50 metros de comprimento por até 30 de largura e 6 de altura. São de madeira, cobertas de palhas de buriti, com uma só abertura — a porta, volta da para a praça da taba. As redes são armadas, transversalmente, ficando a do marido sobre a da mulher. Os filhos, que são amamentados até 4 anos, dormem com a mãe. Esta, além disto, deve manter uma fogueira próxima às redes para substituir os cobertores.

As aldeias estão sempre próximas de lagos ou rios, facilitando a pesca, uso da água e o banho. Os índios lavam-se pelo menos três vezes ao dia. As meninas ficam sob a guarda das mães, que as iniciam nos trabalhos domésticos da maloca, ralagem de mandioca, preparo da comida, teçoção de redes, fabricação de tintas, plantio do milho, etc. Quanto aos meninos, acompanham os pais. Aprendem pescar, caçar, construir ferramentas, o arco, a flexa, a borduna, a canoa e a cuidar da plantação do milho, mandioca, banana, ao lado dos demais membros da família.

Para o indígena o tempo não existe. Não tem pressa, mas está sempre fazendo alguma coisa. Não é verdade que seja preguiçoso. Não tem hora para comer, alimenta-se quando tem fome e só, ou, então, de costas para os outros. Ama a liberdade. Não castiga os filhos. Só excepcionalmente.

Ajuda a mulher na roça e traz os produtos da lavoura até as proximidades da taba. Daí em diante, não o faz mais. Seria um dedouro aos olhos dos outros. A terra pertence a todos e o seu uso é livre. Todos têm que se sustentar. Os velhos quando se acham alquebrados, cuidam de arranjar um meio de morrer.

O jovens devem casar-se depois de determinada idade e a observação de certos ritos, para perpetuação da espécie, como fazem os bichos. Os noivos são escolhidos pelos pais ao nascerem. Uma menina-moça pode engravidar-se antes do casamento. Ninguém a censura. Ao tempo certo, ela entra na mata, dá luz e enterra o filho, voltando, após, ao convívio das companheiras. A mulher casada não perde de todo a sua liberdade. Se o marido se ausenta, por algum tempo, naturalmente entra no mato com outro índio e praticam o "toke-toke" sem que ninguém se escandalize. O homem também goza da mesma liberdade. Depois, se um dos dois fica sabendo do deslize do companheiro, simulam uma briga para os vizinhos e a coisa volta ao normal.

Como em Esparta, os filhos feios, aleijados ou gêmeos, são

(*) José de Andrade e Silva

sacrificados ao nascerem. O índio não admite o feio. Tudo deve ser belo como a natureza que o cerca. Os encontros dos casais são sempre na mata, bem como as "delivrances". Quando a mulher percebe que está prestes a dar à luz, recolhe-se à mata e, ali, sozinha, resolve o seu problema. Depois pede a presença de amigas para reconduzi-la à maloca, onde reassume suas obrigações, como se nada houvesse ocorrido.

Faz uma pequena dieta de peixe, mel e frutas. Se se tratar do primeiro filho, o marido, igualmente, resguarda-se por longos dias, participando da mesma dieta da mulher. Nos demais nascimentos, nem toma conhecimento, embora sintam-se orgulhosos de ser pai.

O índio enterra os seus mortos, pranteia-os por longo tempo e guarda luto. Acredita numa ressurreição que se dará ali mesmo, num "Paraíso" imaginário do Vale do Xingu, onde, depois da morte, viverá ao lado dos seus ancestrais, passando, antes, por uma espécie de purgatório dos católicos, para purificar a alma suja.

Pensa ter duas almas, uma pura, outra cheia de maldades, de dois sexos.

Sua mitologia é dualista. A terra, o céu, a lua e o sol, a mulher e o homem, o belo e o feio, o mal e o bem.

Não sabe cantar, mas admira a música. Fabrica uma cerâmica de grande beleza.

Os indígenas da região do Xingu andam nus. As mulheres usam apenas o "uluri", delicado e macio, feito de entrecasca de árvores, amarrado à cintura por fibras, para cobrir o órgão genital. Uma espécie de tanga da mulher civilizada.

O pagé e o cacique são nobres de linhagem hereditária, e conselheiros da tribo. O hervateiro, o médico. Quanto ao feiticeiro, representa o mal e é assim que é visto.

A Reserva do Alto Xingu é uma região de rara beleza e de difícil acesso, cercada pelas serras do Roncador, do Daniel, Dourada e Formosa. Matas luxuriantes e centenas de rios e lagos. Ai vivem os mais belos índios da América do Sul. Preservá-los é um imperativo de respeito ao homem e ao amor à cultura.

Da Academia Municipalista de Letras de Minas Gerais.